

BOURDIEU: TRÊS TRAJECTÓRIAS

Ana Teixeira, Hugo Dias e José Soeiro*

Na sessão de homenagem a Pierre Bourdieu, organizada na Faculdade de Letras aquando da sua morte, foi solicitado a alguns alunos que escolbessem e lessem excertos da sua obra. Mais do que fazer um comentário ao contributo científico do autor, interessa-nos neste texto relatar a experiência do primeiro contacto que tivemos com o pensamento de Pierre Bourdieu. A partir daí, chegaremos talvez às razões das nossas escolhas.

Um sentido para o conhecimento

Conheci a obra de Bourdieu antes de conhecer a Sociologia. Foi no final do Secundário que me deram a ler o *Contrafogos*. Para mim, esse livro fez luz sobre coisas em que nunca tinha pensado. De certo modo, comecei a ler Bourdieu ao contrário do que me viriam a aconselhar na faculdade (ou seja, pelas obras mais recentes, consideradas menos densas do ponto de vista sociológico e mais comprometidas politicamente). E este percurso pessoal de contacto com a obra marca, inevitavelmente, a maneira como a vejo.

Se é certo que o contributo de Bourdieu para as ciências sociais é sólido e que alguns dos seus conceitos fazem já parte do «senso comum» sociológico (o que demonstra até que ponto foram incorporados), alguns dos seus últimos livros sofreram duras críticas, nomeadamente os dois volumes de *Contrafogos*. Estes últimos reúnem textos de intervenção pública, em que o autor faz sair os saberes das torres de marfim universitárias e se empenha em movimentos sociais, ultrapassando os limites daquilo que considera «*uma ideia de objectividade que me aparecia pouco a pouco como uma forma de censura*» (Bourdieu, 2001, p. 75). De facto, os intelectuais politicamente empenhados têm merecido desde sempre várias críticas: por se afastarem da *neutralidade* que o seu esta-

* Estudantes de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

tuto exigiria, por aproveitarem indevidamente a sua posição e prestígio científicos, por – ao saírem do pequeno mundo da universidade – simplificarem de tal modo a sua reflexão e os seus conceitos que acabariam por fazer uma divulgação reducionista das suas próprias ideias ou por cair na tentação da demagogia simplificadora ou da redução do pensamento a slogans

Estas críticas, ao que me parece, têm a ver com o modo como se vê a relação da ciência com a sociedade de que faz parte, por um lado, e com a possibilidade ou vantagem em fazer uma divulgação do trabalho científico que o torne acessível a um grande público, por outro. No prefácio dos *Conceitos Fundamentais de Matemática*, Bento de Jesus Caraça fala-nos de duas maneiras de encarar a Ciência, escolhendo ele a segunda: «no primeiro aspecto, a Ciência parece bastar-se a si própria, a formação dos conceitos e das teorias parece obedecer só a necessidades interiores; no segundo, pelo contrário, vê-se toda a influência que o ambiente da vida social exerce sobre a criação da Ciência. A Ciência, encarada assim, aparece-nos como um organismo vivo, impregnado de condição humana, com as suas forças e as suas fraquezas e subordinado às grandes necessidades do homem na luta pelo entendimento e pela libertação» (Caraça, 1998, p. xxiii). Curiosamente, também esta obra de Caraça, publicada em 1941 e autêntico paradigma do trabalho de divulgação científica feita em Portugal pela *Biblioteca Cosmos*, foi acusada (injustamente, diria eu) por António Sérgio de deturpar ao querer vulgarizar.

Uma das coisas que sempre me incomodou mais na escola foi não perceber a pertinência ou o sentido do que somos obrigados a estudar. Aquilo que se tem de fazer é vivido como sendo-nos exterior, foge ao nosso controlo, não é construído por nós nem funciona, normalmente, como uma maneira de expressarmos o que somos: é, no fundo, trabalho alienado. Essa ausência de sentido do trabalho escolar perturbava-me no secundário e, de um modo diferente, prolonga-se na faculdade. Aqui, tantas vezes, a relação com o saber continua a ser instrumental: estuda-se um autor para dar uma aula ou fazer um trabalho, decoram-se os seus conceitos para poder fazer um exame. O processo é às vezes mais doloroso quando se trata de obras críticas, reduzidas a fórmulas e a acetatos inócuos, praticamente destituídas do seu carácter subversivo, quase nunca vistas como caixas de ferramentas onde vamos buscar instrumentos que

nos permitam pensar o mundo, questionar a sociedade ou pôr em causa a própria escola, por exemplo

O facto de ter começado a ler Bourdieu pelos *Contrafogos* fez precisamente com que aquelas suas teorias tivessem para mim um sentido. Além das críticas à ideologia neoliberal e à miséria inerente ao capitalismo, há neste livro uma atitude que me despertou verdadeiramente o interesse pela sociologia: a de mostrar o que está para além do que nos apresentam, a de tentar revelar o que se esconde atrás das ilusões do jogo social, a desconfiança em relação ao óbvio e ao transparente, a desconstrução da nova fé na inevitabilidade do neoliberalismo. No fundo, está presente aquela atitude sociológica que consiste em questionar os pressupostos argumentativos do próprio discurso dominante (aqueles a partir dos quais se discute mas que nunca são discutidos), revelando o quanto estão vinculados a determinadas posições sociais. Se quisermos, trata-se do característico prazer bourdieusiano em «desiludir» ou provocar, revelando o que está para lá das evidências.

Na realidade, Bourdieu toma posição em questões políticas, mas mantendo as regras do campo científico, isto é, não abandona as suas exigências e competências de investigador. Era assim, ao que parece, que concebia a intervenção dos intelectuais: eles deveriam «fazer entrar no debate público as conquistas da ciência» (Bourdieu, 2001, p. 9). Os *Contrafogos* serviram, por isso, para encontrar na obra de Bourdieu ferramentas que me fascinaram. E contribuíram, além do mais, para que me viesse a interessar pela sociologia, por me ter parecido que esta ciência poderia permitir-me uma autoconsciencialização maior. O conhecimento sociológico, os conceitos teóricos desenvolvidos por Bourdieu (e de que ele não abdica neste livro), apresentados assim, aplicados a realidades concretas e ao serviço da construção de um mundo mais justo, em que me revejo, fizeram com que percebesse a utilidade do saber e da ciência. Encontrar esta utilidade torna tudo mais interessante, torna tudo mais motivante.

A sociologia de Pierre Bourdieu tem, na verdade, conceitos que me parecem ter um valor heurístico extraordinário, complexificando a análise da sociedade, como as noções de *habitus* e de *campo* ou o alargamento da noção de *capital* a outras formas de riqueza para além da económica. De facto, a sua obra fornece recursos críticos a todos aqueles que entendem lutar por uma sociedade menos desigual, analisando a interiorização da dominação e a com-

plexidade das relações de força e de poder. As ciências sociais podem, portanto, desenvolver um pensamento com carácter libertador. Se, como alerta Bourdieu, os dominantes constroem as suas teorias, também os dominados deverão ter armas simbólicas, intelectuais e culturais para os combater. A luta pela categorização do real é, de resto, como se sabe, uma das principais disputas pelo poder.

Há quem acuse Bourdieu de ser demasiado determinista, de não deixar espaço para a mudança social. Na minha opinião, a tónica do autor na reprodução e na dominação permite que percebamos as causas da desigualdade e da injustiça. Ao contrário da lógica de responsabilização individual e de culpabilização da vítima que o liberalismo e a meritocracia promovem (e que destitui os sujeitos da capacidade de lutar por alterações na sociedade), a mensagem sociológica do autor permite que nos dêmos conta da origem social das causas de muito do sofrimento humano. Por isso mesmo, seguindo o princípio de que o que é construído socialmente nunca é inevitável, o conhecimento dessas causas e desses constrangimentos pode, em grande medida, ajudar à nossa liberdade.

Por outro lado, é óbvio que há críticas válidas à sua teoria e postura. Além disso, é preciso não esquecer que a própria produção científica está inscrita numa determinada realidade histórica. A análise das condições sociais da produção da ciência permitir-nos-á uma reflexividade crítica permanente, uma incessante análise sociológica da sociologia. Nesse sentido, o mínimo de honestidade que se exige é admitir que também a obra de Bourdieu, como qualquer outra, é marcada pela sua posição no universo social e pelas suas vivências.

Por último, parece evidente que a ciência não é neutra (o que não quer dizer que não haja regras que garantem uma objectividade forte) e, quanto a mim, ela é tanto mais interessante quanto permita aumentar a nossa capacidade de reflectir para agir. Encarando a ciência como um «*organismo vivo, impregnado de condição humana*», vale a pena que o conhecimento estabeleça alguma relação com a emancipação e com a felicidade. Talvez por isso, é também importante que ele se divulgue, que alargue os seus públicos, que contribua para uma crítica do mundo. Quando é assim, penso eu, ele ganha sentido e, por isso mesmo, entusiasma.

José Soeiro

O exemplo de um intelectual solidário

Cruzei-me pela primeira vez pela personagem de Pierre Bourdieu aquando da sua participação solidária nas greves francesas de Novembro/Dezembro 1995. No momento encontrava-me a terminar o Ensino Secundário, dando os meus primeiros passos na actividade associativa e política.

Não tendo ainda a frequência do curso de sociologia nos meus horizontes, o aspecto para mim mais marcante foi exactamente o de um intelectual assumir uma posição crítica pública contra a destruição da civilização «*associada à existência do serviço público, à igualdade republicana dos direitos, direitos à Educação, à Saúde, à Cultura, à Investigação, à Arte e, acima de tudo, ao trabalho*» (Bourdieu, 1998, p. 31). O seu exemplo marcou-me politicamente, bem como a efeméride em que este participou terá marcado indelevelmente um importante momento de viragem no ascenso das lutas e mobilizações de todos os que procuram construir alternativas à globalização neoliberal.

O primeiro contacto foi político. Só depois o conhecimento da sua obra, das suas reflexões, da coerência do seu pensamento e da sua prática.

As motivações para se enveredar na Sociologia são múltiplas e diversas. Para Bourdieu a Sociologia é «*uma ciência que perturba*» (Bourdieu, 1984, p. 19). Uma ciência que incomoda, pois revela a causa das coisas, desnaturaliza os fenómenos existentes que muitas vezes nos tentam impor como óbvios. Gosto de recordar esta definição pois foi uma das razões da minha opção pela Sociologia. No fundo, importa perceber o *funcionamento do mundo*, desmontá-lo, e em última análise transformá-lo. Conhecer para transformar.

Outros poderão optar pela Sociologia e pelas Ciências Sociais numa perspectiva de gestão do *deve e haver corrente*, de adaptação às mudanças inelutáveis que *surgem naturalmente*. Se o caminho já está decidido porquê *remar contra a corrente*?

Procurando a Sociologia estudar os *campos das lutas existentes*, ela própria se encontra no centro das lutas pela legitimação simbólica da sociedade da globalização neoliberal. Se acreditarmos como Bourdieu que a sociologia deve ser uma ciência «*que perturba*», quem é que estaremos a incomodar? Certamente aqueles que em vez de procurarem aprofundar o conhecimento da realidade pretendem ocultá-la.

Por isso Bourdieu no seu discurso na Gare de Lyon aquando das greves de 1995 descreve o seu papel e o de qualquer intelectual crítico «() *penso, com efeito, que não se pode combater eficazmente a tecnocracia, nacional e internacional, a não ser fazendo-lhe frente no seu terreno privilegiado, o da ciência, nomeadamente económica, e opondo ao conhecimento abstracto e mutilado próprio da tecnocracia, um conhecimento mais respeitador dos homens e das realidades com que estes se confrontam*» (Bourdieu, 1998, p. 35)

Esta afirmação apresenta dois corolários. Em primeiro lugar, Bourdieu rejeita a dicotomia entre *scholarship* e *commitment*, que faz com que os académicos se mantenham isolados nas suas *torres de marfim*, *não assumindo posições públicas*. A sua atitude foi sempre de *scholarship with commitment*.

Em segundo lugar criticou igualmente os *opinion makers* que utilizando o seu estatuto, sob a cobertura de uma suposta neutralidade, emitem pontos de vista que formam a opinião pública. Estas resultam de valores, atitudes, interesses, posicionamentos na estrutura social. Longe de serem neutrais implicam uma tomada de posição ideológica pelos mais favorecidos e a transmissão da ideologia dominante. É que as questões da ideologia não são nem nunca foram de somenos. Afinal a pior forma de dominação é aquela que não se vê e é aceite implicitamente, pois é a mais difícil de combater. Bourdieu sabia disso e sempre a denunciou.

Em 2001, num encontro de sindicalistas e investigadores em Atenas, Bourdieu realizou um dos seus últimos discursos: «*Parece-me que hoje em dia o investigador não tem escolha: se ele tem a convicção de que há uma relação entre as políticas neoliberais e as taxas de delinquência, uma correlação entre as políticas neoliberais e todos os sinais daquilo a que Durkheim teria chamado anomia, como poderia não dizê-lo? Não só não se deve condená-lo, mas devia-mos felicitá-lo. (Faço talvez a apologia da minha própria posição)*».

O seu exemplo perdurará

A homenagem fica feita

Hugo Dias

A (des)orientação da seta de Cupido

O encontro com Pierre Bourdieu teve lugar numa das primeiras aulas do curso de sociologia, no Porto. Uma aula de Introdução às Ciências Sociais, onde os mistérios e os objectivos oficiais da sociologia começavam a ser desvendados, serviu de veículo a múltiplas interrogações. Colocava-se uma arduosa questão acerca da existência da juventude (Bourdieu, 1984) e de esta não ser mais do que uma palavra. O nome de Bourdieu aparecia questionando o óbvio e desmontando as estruturas «certas» do quotidiano. Cambaleantes, desconcertados e perturbados, eis os efeitos desta aula em alguns dos *jovens* aprendizes de sociólogos que se concentraram no bar a discutir o assunto.

Os contactos com este autor desmultiplicaram-se nos anos seguintes, nas mais diversas disciplinas do curso. Recordo um episódio em particular relacionado com a elaboração do primeiro trabalho de investigação para a cadeira de Metodologia para as Ciências Sociais. Verificando a presença constante de um nome nos vários trabalhos consultados, pretensiosamente denominei um capítulo de «a incontornável necessidade de abordar Pierre Bourdieu», sensatamente a docente advertiu-me para a incontornável necessidade de o ler no original, antes de o citar. Mais tarde, verifiquei que ambas tínhamos razão: aceder ao legado teórico do autor revelar-se-ia um instrumento precioso de selecção, compreensão e interpretação de uma certa realidade circundante.

Há um ano atrás, na sessão de homenagem póstuma a Bourdieu li um excerto da *Dominação Masculina*. Relembrei, então, uma das referidas aulas de Introdução às Ciências Sociais, em que me coube apresentar um texto de Peter Berger intitulado «A sociologia como uma forma de consciência». A sociologia apresentava-se como uma forma particular de ver a sociedade, porque se propunha a ver para além desta, isto é as interrogações sociológicas envolveriam um processo de «ver para além das fachadas» das estruturas sociais (Berger in Nunes, s/d, p. 25). A fundamentação desta pretensão sociológica era ilustrada com um exemplo da estruturação das relações amorosas. O amor não seria uma emoção misteriosa, guiando aproximações humanas de modo aleatório, antes se submetia a uma lógica de canais objectivos de classe, rendimento, níveis de escolaridade, etc. Aliás, Bourdieu acrescenta mesmo que «o «amor puro», essa arte pela arte do amor, é uma invenção histórica relativamente

recente, como a própria arte pela arte, amor puro da arte a que se encontra, histórica e estruturalmente, ligado» (Bourdieu, 1999, p. 95)

Afinal, também o amor não era um terreno seguro capaz de se esquivar ao desiludido olhar sociológico. Paradoxalmente, encontrava-me sob o fogo cruzado de ser simultaneamente objecto e sujeito da análise sociológica. E foi nas palavras de Bourdieu que encontrei o fio que labirinticamente conduzia ao reduto do não totalmente explicável sociologicamente, porque, afinal «*é por meio de um trabalho de todos os instantes, recomeçado sem cessar, que pode ser arrancada às águas frias do cálculo, da violência e do interesse «a ilha encantada» do amor, esse mundo fechado e perfeitamente autárquico que é lugar de uma série continuada de milagres*» (Bourdieu, 1999, p. 94). Descansei, certa de que poderia esperar descansar nessa ilha. Inquietei-me, verificando, mais uma vez, que sociologia nem tudo explica.

Ana Teixeira

Os protagonistas destes três percursos cruzam-se espacialmente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no curso de Sociologia. Divergem as trajectórias de contacto com o autor, os enfoques privilegiados pelos vários testemunhos, a maneira como cada um apropria os seus contributos. Convergem na crença na função desmistificadora da prática sociológica. Essa é, assim o pensamos, uma das ideias-força que nos lega a obra de Pierre Bourdieu.

Referências bibliográficas

- BERGER, Peter (s/d) «A sociologia como uma forma de consciência». In NUNES, A. Sedas, *Sobre o Problema do Conhecimento nas Ciências Sociais*. Lisboa: ICS
- BOURDIEU, Pierre (2001) *Contre-feux 2*. Paris: Raisons d'Agir
- BOURDIEU, Pierre (1999) *A Dominação Masculina*. Oeiras: Celta
- BOURDIEU, Pierre (1998) *Contrafogos*. Oeiras: Celta
- BOURDIEU, Pierre (1984) *Questions de Sociologie*. Paris: Les Éditions de Minuit
- CARAÇA, Bento de Jesus (1998) *Conceitos Fundamentais de Matemática*. Lisboa: Gradiva